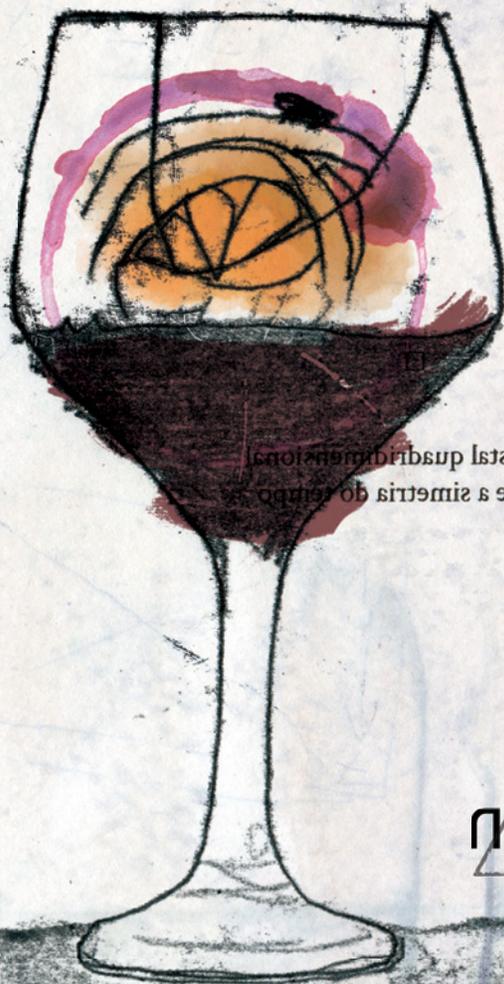


PRA ESTANCAR ESSA SANGRIA

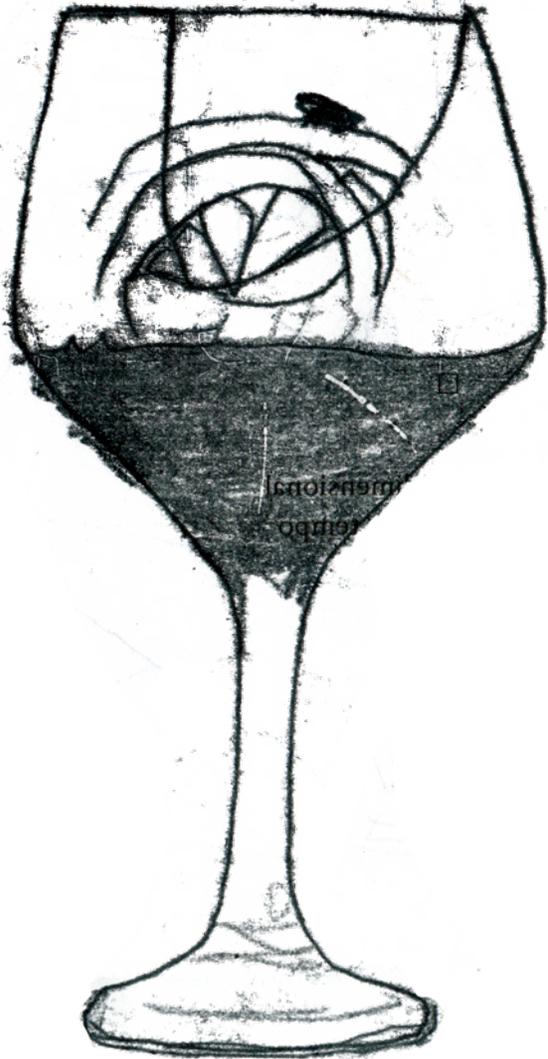
bagade fente



tompe a simetria do tempo
um cristal das dimensões



801 E - 2111111



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Defente, Baga

Pra estancar essa sangria / Baga Defente. --

1. ed. -- Botucatu, SP : Nada Studio Criativo, 2021.

ISBN 978-65-990181-4-5

1. Poesia brasileira I. Título.

21-67856

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Projeto realizado com recursos da Lei Aldir Blanc.



**PREFEITURA DE
BOTUCATU**
SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



bagade fonte

PRA ESTANCAR
ESSA SANGRIA

1ª Edição NFT

Botucatu/SP

2021



Pra estancar essa sangria

1ª Edição NFT, 2021

Botucatu/SP

Coordenação Editorial

BAGA DEFENTE

@bagadefente

Editor

ALEX ZANI

@alexzani

Revisão

ANA C. MOURA

@anac.mouras

Foto do autor

LARA VALENTE

@fugereurbem

Projeto gráfico, diagramação, artes & design de capa

BAGA DEFENTE

NADA.: Studio Criativo

@nadastudiocriativo

Copyright © NADA.: Studio Criativo, 2021

Pra estancar essa sangria © Baga Defente, 2021



Rua Dr. José B. de Barros, 792

18610-307 Botucatu/SP

nada.art.br

Pirate Love8

Neuro-cardio-poesia 12

enquanto você toma rumo eu tomo rum 15

A urgente entropia do querer 17

Coleção outono-inverno 2014..... 25

Poema sobre poema inventado na madrugada 28

Poema cas'leluia & final brega (take dezessete) 29

Amado monstro desalmado 31

Poema Marciano 37

Poema Sinestésico 40

Ressaco..... 41

Poema com (muito) manjeriçãõ 43

Dirty Love (sócio-solitária noite besta)..... 44

cointreau+alt+del 47

Minigramática 48

O tempo é um lugar..... 50

Will work for love 51

Inseticídio (veneno mental na madrugada)..... 53

Poema chulo nº 02 57

Fétido Ofurô 58

Os Verbo 59

Pelo cheiro da flor fantasma..... 60

Sobre o Pertencimento (um poema a quatro mãos virtuais
& dois corações reais) 61

Poema de uma página 69

PINGALOVE 71

Sinfonia do muito ou pouco que houve entre você & eu ... 72

Hipster cats at the sun	73
Outonal #01	74
Poemete nº37.....	75
(mais um) Poema em vão	76
Poema Ruim nº 3	77
Smartphones & Stupidpeople (poema potiguar nº02).....	78
Poema Chulo nº 3	79
Luz Interdita	80
Jingle	82
Poema Convicto.....	83
Sinfonia do muito ou pouco que houve entre você & eu ...	84
Poema dos Anos 20.....	85
Poema pós-feriado no meio da semana	88
Apneia	90
Sinfonia do muito ou pouco que houve entre você & eu ...	94
Relato (um poema amarelo)	96
X-Poema Bacon (poema potiguar nº04)	98
Alívio	101

Birinaits103

Debaixo dos lençóis do teu espelho.....	104
CNTP	105
Poemimimi	106
Estrela Cúbica	108
Solve et Coagula	110
Das estranhas propriedades da Mecânica Quântica	112
Oumuumua(o mensageiro que chegou primeiro)	113
Os Cristais do Espaço/Tempo (poema da paixão quântica em 5inco atos).....	115

Saideira122

Pirate Love

prefácio por
Sérgio Santa Rosa

Pirate Love*

Baga Defente é um daqueles caras (ainda há alguns por aí) que respiram/transpiram arte. Investe parte significativa do seu tempo e energia para criar. Seu fazer cotidiano passa pela concepção de poemas, contos, filmes, vídeopoemas, quadros, gravuras, colagens, edição de livros, projetos gráficos e organização de eventos formadores, como oficinas e saraus. De quebra, ainda batalha nas ingratas trincheiras dos debates e ações voltadas para políticas culturais, missão que, em tempos de obscurantismo oficial, só pode ser qualificada como corajosa abnegação.

Confesso ser incapaz de analisar a qualidade de qualquer uma das tantas facetas do multiartista. Prêmios, agenda cheia de trabalhos e capacidade de viver da própria criatividade dizem mais e melhor sobre isso. O que posso afirmar é que o relançamento conjunto de *enquanto você toma rumo eu tomo rumo*, *cointreau+alt+del* e *PINGALOVE*, a trilogia etílico-poética de Baga Defente, acrescida de uma pulsante leva de poemas inéditos em livro, é uma boa oportunidade para sobrevoar páginas preenchidas com inquietação e busca. Isso já é grande coisa.

Ao contrário do que os títulos dos livros podem fazer parecer, o poeta aqui não é uma das tais “moscas de bar”, sentado numa mesa do canto, sacando o movimento e sendo sarcástico enquanto empunha o copo com mão trêmula. Governado pelos afetos, o autor está mais para um sagaz e romântico corsário do asfalto, singrando as madrugadas, tentando pilhar amores, sempre livre de pecados e ordenamentos. Alguém que exalta os encontros, sabe olhar e comentar a frágil dinâmica das paixões e não hesita em chorar as pitangas diante dos desencontros, salpicando pelas páginas seus delicados achados poéticos com sabor pop fora da lei.

Você pode gostar ou não. Mas é inegável o compromisso de Baga com a própria liberdade de criação. A poesia dele pode parecer com tudo. Também pode ser diferente de tudo. Há clichês escritos com a originalidade de um Duchamp de camisa florida (seja lá o que isso queira dizer). Há ousadias que se transfiguram e acabam por pousar no ambiente seguro da Terra plena das estrofes e rimas. No chão das ruínas que pisamos hoje, tal liberdade criadora pode ajudar a limpar dos nossos ombros o pó dos cotidianos desmornamentos.

Esta breve apresentação não tem a pretensão de guiar o leitor. Aqui, navegar sem bússola será, certamente, mais proveitoso. Mas, se me permitem um lembrete: tomar rumo implica seguir caminhos já abertos. Baga Defente prefere navegar por outros e inusitados mares. E o faz lavando a melancolia da garganta com tragos da bebida preferida dos piratas e hasteando a bandeira das ideias livres de âncoras.

Sérgio Santa Rosa

**Pirate Love é uma canção de Johnny Thunders and the Heartbreakers.*

Neuro-cardio-poesia

notas do editor

Alex Zani

Neuro-cardio-poesia

Editar um livro não é fácil. Editar um livro pela primeira vez, também não. Editar um livro de poesia, menos ainda. Editar, pela primeira vez, um livro que é a reunião de outros quatro livros de poesia, então, nem se fala...

Compreender o papel de quem edita um livro pode ser complexo. E pode ser complexo, pois, às vezes, é uma tarefa quase abstrata, mais próxima ao autor e menos ao leitor, mas tão importante para um quanto para o outro. Editar um livro é como podar jardins, quebrar paredes ou construir cercas. Editar um livro, em especial de poemas, é como fazer uma cirurgia de transplante.

Vamos supor que você seja um médico e que, enquanto médico, você precisa fazer uma cirurgia. Agora, vamos supor que essa cirurgia seja um tanto quanto complexa e envolva, ao mesmo tempo, o cérebro e o coração. Ou seja, você é simultaneamente um neurocirurgião e um cirurgião cardiologista, e terá de fazer um transplante duplo: na mesma operação, será necessário abrir a caixa torácica, tirar o coração, abrir o crânio, tirar o cérebro e colocar este no lugar daquele. Por fim, terá de costurar tudo e acordar o paciente, que deverá seguir com vida.

Basicamente foi isso o que eu fiz neste livro. No entanto, apesar do paralelismo, editar este livro em questão não foi difícil. E não é porque não foi difícil que podemos necessariamente dizer que foi fácil. Este livro teve outros títulos, outras capas, outros poemas e outros conectivos. Conheci Baga Defente em 2016, eu então um jovem no auge dos meus 19 anos. Baga foi uma das primeiras pessoas que eu conheci pela internet e depois fiz questão de conhecer pessoalmente. Ele havia acabado de autopublicar, em edições artesanais, os dois primeiros livros que compõem este aqui. Baga foi uma das primeiras pessoas que me falou, naquela época, sobre o mínimo que eu precisava saber para iniciar meus trabalhos enquanto editor-de-algo antes mesmo d'eu me imaginar editando algo. Dito e feito, passados cinco anos, cá estamos. E posso afirmar que meu trabalho editando esta obra não foi algo difícil, pois sou mais amigo do que editor dele. Ao longo do processo de edição, falamos mais sobre qualquer outra coisa do que sobre a edição do livro.

A verdade é que nós sabíamos que este livro, um dia, existiria. Sabíamos disso, pois é um livro necessário. É um livro que encerra um ciclo, ainda

que sem grandes pompas, como encerramos uma conversa fiada: “fica assim, então”. Como se fecha um baú ou se retira uma atadura. É um livro que fala mais sobre o Baga, mais do que ele mesmo possa imaginar e, principalmente, mais sobre um dos Bagas dos quais ele mais evita falar. É um livro que delimita e conclui — a meu ver, com sucesso — uma etapa do seu percurso poético. Um livro que, de tanto andar atrasado, chegou adiante. Ópios, édens, torresmos, poemas concretos — não lhe toquem nessa dor, por favor. Estancar essa sangria é tudo o que lhe falta. De preferência, num grande acordo nacional. Com capa dura, com tudo.

Alex Zani
(mais amigo do que editor)

ENQUANTO
VOCÊ TOMA RUMO
EU TOMO RUM

2013-2014



L'amour dans l'après-midi est un privilège bourgeois.

O amor à tarde é um privilégio burguês.

JEAN-LUC GODARD

A URGENTE ENTROPIA DO QUERER

I

deviam ser dez horas
não muito mais nem muito menos
eu já estava embriagado (reparem:
não bêbado, embriagado)
(acho que)
naquele momento
 estava sozinho parado esperando
a movimentação local para seguir
um aniversário uma festa pessoas amigos
eu tinha opções
 (*opções*) então
 fiquei ali sozinho parado esperando

elas se aproximaram uma delas eu
até conhecia sem qualquer intimidade
a outra, só de olhar (e que
 olhar)

elas se aproximaram falaram comigo a conhecida
tomando a frente desenvolta empolgada & eu ali
 parado esperando mas
 não mais sozinho

a festa estava acabando
ela me perguntou o que eu faria
eu tinha opções
 (*opções*)

ela perguntou se podiam vir junto sem imaginar nada
eu disse claro vamos eu sabia seu nome mas
não o dela aquela que eu conhecia
só de olhar (e que
 olhar)

Prosa era o nome que eu sabia
a outra logo depois eu soube:
 se chamava Poesia

— eu (já) estava apaixonado & não sabia

II

há um poeta na porta da prefeita
declamando impropérios metafísicos
regurgitando música concreta & pintura abstrata
através do novo interfone da excelentíssima

está sujo com fome descabelado & descalço
as solas dos pés esfoladas pelos cinco mil
quinhentos & cinco anos
caminhando pelas estradas
esburacadas que o homem
construiu com as palavras

pelos olhos da memória lhe observo
& sigo meu caminho cambaleando
dentro da noite crua lua nova em marte
saturno em escorpião coração doendo
fruto podre da ilusão

*1. toda vez que eu cruzo a tua rua eu olho em direção à casa sua,
talvez pra tentar te sentir mais perto,
talvez pra ver se meus olhos cruzam com os seus.*



no carro perguntei o que elas queriam fazer
subitamente eu estava guiando pelas estrelas
esburacadas que as ações do homem destrói
agora (muito bem) acompanhado de Prosa & Poesia

conversamos empolgados sobre não sei o quê
provavelmente sobre tudo antes
mesmo de chegarmos ao lugar
onde o Tempo parou de existir
onde não sei como fiz
tapiocas de queijo para nós três

(por contiguidade, pensei “naquela
noite nossos nós ainda não estavam
dados” agora percebo: naquela noite
eles foram apenas apertados)

dos risos o contato do contato o carinho do carinho o calor
do calor a força da força a fusão: naquela noite
na qual o Tempo parou de existir
com Prosa me tornei uno
com Poesia eu me fundi

— eu (já) estava fudido & não sabia

IV

eu passaria sete noites ligando lentamente tuas pintas traçando
linhas suaves com um lápis de olho descobrindo constelações
por todo o teu corpo

eu passaria sete vidas escrevendo um louco romance na tua alma
as sete caudas dos gatos sete milênios te lendo ao meu lado

— quarenta & nove anos de ansiedade condensados em um mês

2. [sonho] segundo o jornal pregado na parede que pintávamos juntos, miles davis estava vivo e haveria um churrasco em homenagem a ele às 8h da manhã do dia seguinte, um sábado, em Atibaia (ou seria Sorocaba?), num Sesc desses. meu irmão tinha ingressos, eu queria muito ir, você continuava pintando (desde quando você pinta?). [/sonho]

V

então no meio daquela madrugada
a Poesia recriou o Tempo & me perguntou
se eu podia levá-la para casa
ainda extasiado eu disse é claro

as estrelas sorriam para nós enquanto
flanávamos por árvores silenciosas
na vastidão negra da primavera

o vento se aproximou quando nos lembramos
da nossa amiga Hilda (sim aquela tão querida)

& apesar da memória não alcançar o coração
& o espaço às vezes não respeitar o tempo
aqueles poucos minutos (que voaram
pela alta madrugada) duraram & durarão
eras & eras & eras

— na abolição do Cosmos o que
precede o Sol é Sem-Tempo

*3. alguém pra estar junto, andar de mãos dadas, preparar um café da manhã gostoso,
esses pequenos ritos cheio de magia que de tão cotidianos confundimos com clichês.
quem sou eu e quem é o outro?
até que ponto eu vejo o outro como outra pessoa, até que ponto perco a objetividade e
vejo o outro como um espelho?
havia rosas vermelhas no jardim da sua casa: claro que daria nisso.*

VI

no começo eu não as distinguia
reflexos no espelho (*pensei em
completar com “da paixão” mas
o apito demodê se desesperou
só de pensar nesse clichê*) eram
como carne & unha praia & mar
aquilo que não se separa

amido de milho & maisena

como um riocorrente os dias transpassavam
na banalidade do cotidiano & tudô qu’eu queria
era novamente mergulhar na Prosa
& me afogar em Poesia

mas talvez eu tenha nadado rápido demais
mergulhado de cabeça em poça rasa

a Prosa conquista com a própria presença
é envolvente de modo sutil lhe arrebatava
como aquele livro que você não quer largar
mas quando você o fecha aos poucos
aquilo passa é uma realidade imersiva
mas passageira que seduz somente quando
em contato constante (mesmo que indireto)

por isso a lua brilhou mais forte naquela noite
quando você falava cada sorriso teu
gerava uma supernova no meu peito

você flutuava a tua presença entrava pelos
sete buracos da minha cabeça eu achava
tudo aquilo lindo & meio mágico demais

mas o dia chegou aquele calor dissipou
numa folha amassada num rascunho
entre poucas frases amanhecidas
uma se destacava:

a urgente entropia do querer(-te)

VII

já a Poesia ah! a Poesia...

(*suspiro*)

uma vez que você a conhece ou mesmo
antes disso qualquer mínimo contato
duas palavras bastam não há capa dura
que afaste do pensamento aquela presença
aquela flor roxa que se aloja atrás do lado
esquerdo do coração do trouxa erva daninha
que cresce mesmo sem ser regada quem tem
dentro sabe sente & acaba cuidando mesmo
que por dois para que ela um dia desabroche

— táí uma linda imagem batida

a Poesia se instala debaixo da pele
permanece nas idas ao mercado
no banho fazendo almoço dormindo
até na hora de cagar ela se faz presente

(como descrever poeticamente tua
manifestação naquela noite que a lua
brilhou mais forte se palavra alguma
alcança a mais baixa nota tocada na
subestimada valsa da vida?)

a Prosa é um mundo fantástico que eventualmente pode ser visitado
a Poesia é um universo que se funde difícil de ser abandonado

— a Prosa Poética como o mais saboroso manjar da Linguagem

pois a hipótese da censura cósmica supõe que
não existem singularidades nuas além do Big Bang

Prosa é sinergia entrópica
Poesia, entropia sinérgica

VIII

& sem a tua companhia
como a noite sobrepõe-se ao dia
me invade uma densa melancolia

agora é sexta & quem diria:

vou tomar uma jarra de sangria
matar pernilongos &
(tentar) transformar
tintas & saudades
em pura poesia

— toda situação poética tem um quê de patética.

*04. [magick] à sabedoria mineral da turmalina negra peça apoio
nesta primeira noite de lua cheia dos meus 31 anos. [/magick]*

IX

nos meus distantes devaneios eu vi nós três
numa viagem rumo ao lugar onde o
tempo não existe, respirando prosa expirando poesia
por isso que se dane distância espaço tempo:
eu só quero comer o som da tua voz
mas se você me ver vestido de azul
não precisa se preocupar não precisa
mudar de calçada nem nada, xuxu:
talvez eu seja assim mesmo meio blue
— não existe magia para o amor
o amor é a maior magia que existe.

X.

*ao final minha paixão por ti não passará de uma memória,
tal qual qualquer fato da História.*

COLEÇÃO OUTONO-INVERNO 2014

I

em março eu
munido de ventos
gelados & sol quente
esperei a melancolia
poéticas das tardes
eu esperei a pseudo
tristeza elegante dos
dias de outono mas

tudo que chegou foi
o calor cervejeiro dos
encontros & o suor
quente de corpos esguios
se roçando em etílicas
noites calientes regadas a
fluidos & pernilongos

então em junho sem
muito preparo prévio me
invade um frio reflexivo que
de modo curioso vem afetando
os pensamentos sentimentos e,
principalmente, minha libido

(vejam, até vírgula
passei a usar)

II

sozinho num sábado chuvoso
quatro horas da tarde sinto fome
 sento sozinho
 sinto sozinho num restaurante chinês

mesa pra um
mesa número um
duas cadeiras uma pessoa
porções de solidão grandes demais
você sabe, me avisa o garçom

sim, eu sei

eu sei

III

sobre o balcão
uma sulfite surrada
tuas orelhas

tuas olheiras
tuas deliciosas
bobeiras de mulher
arquetípica

corpos-nuvens que se
chocam eletricidade
& serotonina: chove

eu te chovo
tu me choves
nós nos diluviamamos

posso até garoar
sobre outras hortas
eventuais chuvas
fortes de verão
mas em você
eu tsunami

IV

por entre
o caos cotidiano
por entre desgastes
& contrastes me
encontrastes

pois sou parceiro do sol
companheiro da lua
amante das estrelas

pois quero estar em todos
os lugares quero ser todas
as coisas & cores quero
invadir-te no plural

(olhando para o abismo
eu me sinto uma estrela)

V

e nos tempos atuais
na era das redes sociais
nem os mortos mais
conseguem viver em paz

somos os irônicos oníricos

pois apesar de
redundante a saudade
é a única constante

e os humanos,
paradoxos

— eu quero mais é que
o cosmos me atropela a
alma & exploda meu corpo
em milhares de estrelas.

POEMA CAS'LELUIA & FINAL BREGA (TAKE DEZESSETE)

mais uma vez
eu varri a casa
arrumei a cama
lavei a louça
& você não veio

mais uma vez
eu t'esperei no fim de tarde
precisei sair rapidamente
& ainda assim mesmo sabendo
que você não vinha
eu coleí um post-it na porta
escrito "entre, a casa é sua =)"

saí correndo voltei voando

& quando cheguei aquele pequeno
papel amarelo continuava
pregado na porta & a casa
continuava vazia

mais uma vez
eu te esperei no começo da noite
expulsei todas as moscas
removi as duas dúzias de centopeias
que em grupos de duas às vezes
três passam os dias copulando
no box do banheiro

mas ainda assim, claro
você não veio

alguém já disse que "estar perto
não é físico" estar longe
também não

duzentos quilômetros já foram bem
menos do que (menos de) duzentos metros

sim eu sei eu sinto
um dia uma noite você vem
eu espero eu quero eu piro
sofro mas supero esse vem-não-vem
eu reclamo declamo insisto
lembre-se que eu existo

mas seja como será
não tem problema pois
ao final a saudade é sempre
matéria-prima prum poema

AMADO MONSTRO DESALMADO

I

perambulo encalorado
por este amado monstro
desalmado é meio-dia &
numa esquina da Paulista
um negro saxofonista
tocando cartola me hipnotiza
sigo assoviando é verão
& pelas ruas panos leves
esvoaçam a carne aquece
& sentado na calçada
escorado na parede da farmácia
descalço de bermuda &
sem camisa um mulato
alheio ao rebuliço frenético
ao seu redor alheio ao colapso
do universo ao seu redor
atenciosamente lê um livro
chamado “a ordem
dos futuros” o qual
segundo meu amigoo(gle)
é um livro infanto-juvenil
categoria fantasia &
ficção científica que se
passa no século XXIII
escrito por um brasileiro
chamado ricardo gouveia

mas nada disso importa

II

esquinas adiante
no meio da calçada um
hipster ruivo de camisa
vintage bigode antebraços
tatuados termina de tocar
uma música tão ruim dos
paralamas que m'espanta

vejo uma marcha de
zumbis como eu
aprisionados em
smartphones
como o meu &
olhando ao redor
penso no coração do
meu amigo carlos
perguntando

“para que tanta perna, meu deus”
mas assim como os dele
meus olhos não perguntam nada

agora passa da uma o
centro de são paulo
está vazio é terça &
eu estou à deriva:

meu eldorado apesar
de próximo torna-se
propositalmente inalcançável



flanando pelo centro solitário
obviamente penso em piva
vejo-o em pé sobre a mesa
do boteco mais sujo por
onde passo recitando
rimbaud pergunto
pro cara do caixa
como chego ao meu destino
 (isso é coisa que se
 pergunte pra alguém?)
nunca jamais menos
ainda numa madrugada
maluca sigo cego pelas
calçadas que tantas vezes
caminhei labirinto decorado
cujo caminho não sei
 nem sei
se quero saber,
sabe?

depois de encarar meia ladeira
encontro um grupo de jovens
negros levando um papo
numa esquina em aclave
pergunto do meu destino
mas eles três ou quatro se
enrolam nas respostas se
alongam & as palavras
parecem não fazer sentido
estou sem máscaras mas
visto minha armadura meu
costumaz cavalo laranja filho
da fusão público-privada
abençoada pelo capitão capital que
se alimenta da tristeza financeiro-
pessoal não pode ser utilizado
entre dez da noite e oito da
manhã justamente alguns dos
melhores momentos para se
cavalgar através das trilhas
da floresta de concreto me

canso agradeço & parto penso
que talvez eu esteja
correndo um risco físico-
estatístico assim derivando
em pseudodelírio então
solto o cabelo para ficar
com mais cara de doidão
então
num novo aclave um cara
cola do meu lado & me
diz que está indo pra mesma
direção que eu & estereotipando-
o ele tinha perfil jovem pseudo
coxinha ressaltado pelo fato de
estar saindo dali da região do
bexiga apelido bela vista
por pressão familiar
para sair daquele bairro
perigoso & voltar para
seu universo de gente
diferenciada não existia
eu não sentia maldade alguma da
parte dele em relação a mim
num momento ele me disse
que fazia faculdade mas claro
que agora eu não
lembro qual curso mas devia
ser engenharia publicidade esse
tipo de curso mas eu dei bola eu
estava simpático naquela noite
talvez esteja eu agora no
auge da minha sociabilidade meu
interesse pelo tal do ser humano
sua psiquê & seus poréns tanto que
naquela noite na praça roosevelt
eu já havia sido para-raios de pelo
menos três malucos eu estava
simpático perguntando curioso
querendo tentar saber o que cada
um pensa teme sente ou
qualquer informação verdadeira
qualquer sensação honesta

que eu pudesse acessar se
possível mutuamente com
um desconhecido a princípio
potencialmente perigoso
(quem não é perigoso?)

então aquele cara dos jardins disse
que já havia me visto umas três
vezes naquela noite perambulando
por ruas distintas & ouvido sugestões
de caminhos equivocados & talvez
por ter um bom coração uma maior
tendência ao altruísmo & estar indo para
a mesma rua que eu perto do seu futuro
ex-lar marginal esse cara pode ter sido
um primo distante do meu anjo da guarda
que após duas horas de deambulação mútua
se materializou para dar uma ajuda pois a
madrugada já caminhava para
metade boa parte dos anjos trocaria tudo
para sentir o que é viver aqui na terra
nós nos despedimos &
agora me veio a memória de que ele tinha um
nome bem diferente diferente mesmo mas que
apesar disso podia ser amenizado por um apelido
formado pelas suas iniciais mas também
agora a memória me impede de acessar o nome
curioso do meu camarada da madrugada

IV

horas antes sentado numa
confortável escadaria
suja papeando com uma bela
garota recém-conhecida naquela
noite quando o tópico era astrologia
percebi que a maré é o humor do mar
& horas depois
perambulando pensei
 (em ti pensei)
que amar é o humor do ar
:
são paulo
seu monstro
eu te adoro

(mas só quando te visito,
 não quando te moro)

POEMA MARCIANO

segundo o tal do
meu mapa astral
tenho Marte em
Libra na casa quatro:
família lar & raízes
Marte filho de Júpiter & Juno
irmão de Minerva Marte
deus da guerra sangrenta

o ruim de ler um bom romance é o vazio que nos arrebatava quando se chega à última página quando toda aquela realidade vivida intensamente por um curto período de tempo se transforma em mera memória & saudade

tipo a paixão

Marte bárbaro & cruel impetuoso & agressivo
em suas batalhas Marte apaixonado por Vênus
pais do Cupido cujas flechas nos rasga o peito & àlma

é fogo é ferro que quando
enferruja se avermelha
— glóbulos do sangue

ao descobrir o fogo o homem
se sobrepôs aos animais o fogo
nos tornou criadores o fogo fez
dos humanos pequenos deuses
o fogo da paixão que queima o
fogo que provoca libido impulso
sexual que gera vida por paixão
se mata por paixão se morre
— tô na transição do desespero para a aceitação
Marte (suposto) regente de dois mil
& quinze ano de ação audácia &
arrojo Marte na tua casa oito
regida por escorpião sexo
renovação & intimidade

*arruma uma namorada com o Sol em Sagitário bem soltinha bem livre
que vem fazer um carinho no seu tempo mas que não se apega*

(quero)
a intensidade fugaz duma
sagitariana toda destrambelhada
na minha vida

(quero)
saber eu não sei de nada
(nem sei se quero saber de algo)
quero
viver cada vez com menos
máscaras viver a vida sem ficar tateando
muito tudo passa rápido demais pra gente
ficar de joguinho café com leite lovinho
é como já disse o jovem neil naquela
canção reiterada na carta de despedida
deixada pela cobaia grunge de olhos azuis:

it's better to burn out than to fade away

uma vontade de ser & estar inteiro
no mundo com trocas sinceras & intensas
mantendo autonomia individualidades & liberdades
oferecendo & recebendo isso do outro mas
as pessoas se fecham muitos traumas muitas
máscaras medo de (se) arriscar de se mostrar
incompleto ser em processo

a gente precisa s'encarar no espelho
não autocentrados como Narciso
a gente precisa s'encarar no espelho
se olhar sem pau de selfie
olhar nos próprios olhos & ver
o outro segurar a mão do outro &
de mãos dadas se lançar no abismo
da paixão desconhecida pois na
mais profunda escuridão podemos
ver as estrelas mais brilhantes

(teu silêncio às vezes me atordoia
mas é atordoado
que eu me mantenho atento)

porém tudo é uma questão de momento
histórias de vida & bagagens subjetivas
ainda assim, it's up to you:
vontade de te encontrar é
coisa que nunca me faltou, xuxu

comecei este poema numa terça
em espanhol é martes terça terceiro
dia da semana dia relacionado ao
fogo dia de reforçar a coragem
Marte vermelho Marte paixão sexo
ataque & proteção Marte temperamental
complicado & tempestuoso terça-feira
dia de colocar o lixo pra fora por Marte
por mim por nós pelo Universo
por tudo que não importa por toda
& qualquer forma de sacrilégio
& heresia agora é hora de abdicar
do sono em nome da poesia

— mas então o timbre charmoso
& rouco da tua voz me chama
de meu bem & tudo fica lindo
tudo fica bem

P.S.:

um mix de sensações me invade
um sorriso bobo invade meu rosto
ao mesmo tempo que lágrimas leves
se libertam assim que a gente se despede
caminho sob a luz da lua cheia acompanhados
(ela & eu) por Júpiter filho de Saturno
pai de Marte pequeno
ponto hipnótico
no céu

.

— mais que um bálsamo, teu abraço é meu oásis

POEMA SINESTÉSICO

a cor do teu carinho
afagou minha (im)compreensão

o som do teu olhar
(d)estabilizou a minha vida

o toque da tua fala
acalmou meu monstro errante

o cheiro do teu sexo
impregnou na minha alma

o sabor das tuas dúvidas
o calor das minhas angústias
dissipou no nosso encontro

as palavras nas curvas
das tuas trintetrês vértebras —
em 657 passos nos felizemos

(sim, eu tenho uma artéria brega)

RESSACO

I

paro sobre o viaduto
mitológicas serpentes urbanas
se movendo, brancas & vermelhas
desfilam pelas avenidas da pauliceia
suas ruas grafites abóbodas & garrafas
almas vazias

sigo caminhando antes
na augusta as primas mexem
comigo — intensamente
fugaz, sinto-me querido

um homem batucando latas
batucando sambas até amanhã
de manhã, batucando garrafas,
latas, batucando “então
toca um samba triste!”

*não posso ficar nem mais
um minuto com você...*

— você tem 34 anos e ainda não está careca
(sangro azul & acho legal)

II

saio, sigo & chove
chuva constante & crescente
barba úmida, bezerro nas costas, perambulo
agora garoa fina, mas assim como eles
te posso curtir numa boa

tento te ligar, mas
você não me atende

tento te ligar, mas
você não me entende

(o álcool me divaga,
me navega)

III

leminskando calçadas
pivo pelas ruas
& no meio da noite
no meio da calçada conheço
minha princesa descalça
potencial cinderela
de traços tristes &
olhar profundo
mistério noturno

IV

(meu coração é uma coleção de colagens
caótico caleidoscópio caliente
mas tem essa coisa besta
no peito, saca?
um vermezinho rosa que
corrói de dentro pra fora)

me sento só
escrevo fumo bebo
penso lembro não entendo
percebo: (que)
sem querer, tive tudo
que quis, agora, perdido,
percebo: (que)
mais importante do que ter
é saber manter

me sinto só

*(ao final o pior de tudo
mesmo foi ter esquecido
meu lanche no seu carro)*

POEMA COM (MUITO) MANJERICÃO

domingo de manhã depois
de preparar o desjejum
lavar a louça suja tirar a mesa
da chuva & varrer a poeira da sala

fui arrumar as roupas acumuladas
bagunçadas espalhadas pelo quarto
& dentre tantas camisetas cuecas
pequeninas meias sem seus pares
encontrei uma blusinha sua

nela senti seu cheiro &
toda a saudade que eu (em vão)
tentava não sentir de uma vez
desabou sobre mim

então eu pensei que o olfato
— assim como a música —
são as formas mais práticas &
acessíveis de se deslocar pelo
continuum do espaçotempo

pois eu quero dormir dentro do
teu peito numa noite de chuva cheia
sentindo as gotas batendo nas telhas
meu coração pingando na tua alma
escorrendo pela madeira

pois cada mínimo detalhe do teu corpo
— cílio escápula cicatriz —
é um pequeno pedaço de paraíso perdido
esperando para ser descoberto
sob o sol quente o vento gélido
neste delicioso outono policromático

pois tentando (te) sentir
teu pensamento
maravilhado & assustado
te vejo lava líquida
rosa hibisco
manjeriçã

DIRTY LOVE (SÓCIO-SOLITÁRIA NOITE BESTA)

IV

olho para o lado
vejo o velho Tom
sua eterna lágrima negra
pendendo sob seu olho esquerdo

olho para seus olhos
com carinho
ele olha meus olhos
com ternura

(dizem
que jamais se deve encarar
um cão no fundo dos
olhos mas essa troca de
olhares fez valer minha
sócio-solitária noite besta)

III

quanto mais a lua
cresce mais pra fora
ela me expele
calço botinas de tanto
me acompanharam
desgastadas
lama
lá fora chove

(aqui dentro também chove
mas isso é outra estória)

as ruas estão molhadas
a terra úmida poças

é sexta-feira killing
me softly with her song

II

[no chat]

me dá?
o q?
seu sujo amor =)
pq vc é assim tão lindo?
sabe qual a vantagem de um amor sujo?
qual?

vc pode chutar ele na sarjeta
abandoná-lo numa lata de
lixo fétida & bolorenta
vc pode até rolar ele na lama
que ele continuará lindo
<3

I

então caminhando de
volta pra casa eu me
lembro de um poema
escrito há mais de dez
anos que terminava
mais ou menos assim:

corro perplexo pelos campos
 devoro as almas que encontro
 torturo palavras em minha mente
 solto os freios que me prendem
 cacarejo quando nasce a lua
 discorro sobre as cataratas:

— amo no desconcerto do mundo

(faltavam três dias para a lua
cheia agora não falta mais)

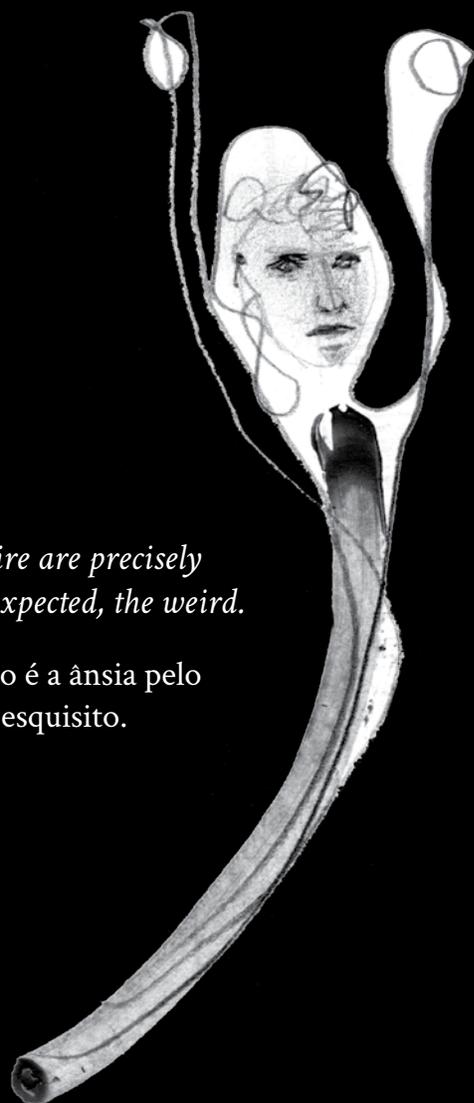
COINTREAU +ALT +DEL

2014-2015

*The most powerful forms of desire are precisely
cravings for the strange, the unexpected, the weird.*

A forma mais poderosa de desejo é a ânsia pelo
estranho, pelo inesperado, pelo esquisito.

MARK FISHER



MINIGRAMÁTICA

é final de semana
estou solteiro &
tenho um carro
financiado a ser quitado em
mais ou menos seis meses

dirijo pela rodovia
me lembro das aulas de gramática
(sempre preferi literatura & redação)
mas tinha aquele lance de sujeito
& predicado, lembra?

sujeito é o ser de quem se informa algo
predicado é a informação propriamente
dita projetada sobre o sujeito

por exemplo, na frase “Leônidas está triste”

Leônidas é o sujeito, estar triste o predicado
ou seja, predicado não é qualidade
mas sim estado sim, tenho estado
meio triste, demasiado solitário
sou bem-apegoado bom
de papo descolado sujeito
(in)determinado mas tem
algo qu’eu não sei, sabe?

tem também essa coisa da ilha
de viver na ilha estar na ilha
ilha ilha ilha adoro a ilha
mas mesmo o continente
parece escasso em diversão

isso lógico é claro na minha
concepção agora deve ter
um bom bocado de gente
se divertindo possivelmente
com música da pior qualidade
testosterona a mil gente esquisita
não no bom sentido como nós

não tô sendo presunçoso mas o bom-senso
estético dos normóticos é sabidamente
duvidoso & com esse eufemismo
pleonástico estou sendo extremamente
generoso & tudo que ofereço é meu calor
tipo um cazuza jazzy de saias
piano-blues da fossa esse disco de
ro ro lançado em 1979 é foda

sujeito (in)determinado composto
perdeu um de seus núcleos de
partícula a passivadora você se tornou
meu índice de indeterminação

quando não existe elemento ao qual
o predicado se refere o sujeito
simplesmente se torna inexistente

mas para mim teu nome
sempre será uma
antonomásia

eu, animal
perífrase

(essa foi mais uma noite qu'eu quis
mas não conquistei
o mundo)

O TEMPO É UM LUGAR

eu te toco em ti procuro
mas não encontro acalento
não te vejo mas te olho
& quanto mais te quero
menos te sinto

— às vezes
te olhando me sinto
um pinguim refletido no gelo

WILL WORK FOR LOVE

vivendo farrapos de esperança
sou um escravo do meu coração
acorrentado a uma improvável
possibilidade de mudança

macrobioticamente mastigando
milhares de vezes antes de engolir
cada migalha do teu amor raquítico

porque eu amo cada centímetro da tua pele
cada parte pelo fluido suas omoplatas baço
até seu pâncreas eu acho que amo

nós somos dois dragões dormentes
quanto mais eu te desejo
menos você me sente

já me disseram que
todo rio corre para amar
mas aqui a água só aumenta
sem ter para onde escoar

porque te amo de leste a oeste
faça sol faça chuva te amo norte-sul

por isso repito:
se você me ver
vestido de azul
se preocupe não
é só uma tristeza besta
coisas do coração

ao final tudo permanece igual:
você continua aí cômoda
eu sigo aqui desesperado
brigando com meus
sentimentos agarrado
aos restos escassos
da tua paixão

(até porque não entendi
se sua última visita
foi despedida
ou reconciliação

— o amor sempre espera feedback)

INSETICÍDIO (VENENO MENTAL NA MADRUGADA)

I

a luz artificial da tela de led
já se apagava meus olhos
artificiais já caíam ao meu
lado meus olhos naturais
já se fechavam naquela
madrugada na (pseudo)
escuridão que m'envolia
eu quase nada mais via

consegui ajustar o despertador
a luz artificial da tela reduzida
rareava reluzindo sobre
o criado-mudo (“nunca” é muito tempo,
mas *nunca* gostei do nome desse móvel)

parca iluminação restrita minha visão
miope sonolenta senti um esboço de
inseto na parede próxima logo acima
dos livros sobre o tal criado-mudo
amaldiçoado em sua constante
fala inerte

II

aranha eu pensei saco
essas horas? como um deus
movi a luz para calcular o
tamanho do pote que precisaria pegar
opa peraí aranha nada escorpião

assustei era meu primeiro
aquele que (dizem) a gente nunca
esquece assim em casa vivo meu
primeiro na caruda perto da cabeça
veneno mental na madrugada vish
chinelo malz aí desculpa qualquer
coisa não é nada pessoal plaft!
fugiu
féladaputa bem atrás do cano $\frac{3}{4}$
que conduz a fiação elétrica
cutuca cutuca vai cutuca desce pro
chão plaft! no escuro foi morreu

ufa

III

uns dias noites coisas um tempo
depois a vida & tal tudo seguiu
eu tava até legal pensando naquilo
de fundo nesse dia teve treta logo
de manhã desgastante desnecessário
zuado se é qu'existe algo realmente
necessário se é qu'existe
alguma coisa se é qu'existiu
amor nós essas coisas (agora
isso é um poema) mas depois
rolou dia gostoso foi bacana
beleza tempo junto bom
então boa noite

IV

ainda naquele mesmo dia minha
mãe me deu um tapete coisa
de mãe né a noite tô em casa
pintando tábuas plásticas emboloradas
madeira é bem melhor
mas vidro quebra quando
martela mente (in)quieta
um açougueiro posa meio sem
sentido sinto tua presença rastejando
na minha direção viro você no chão
opa parei olhando susto no susto
foto pra posteridade parado
posou pro clic esse mais
encorpado imponente dava um
caldo piso numa pequena aranha
estricnada ousada ou assustada?
pisoteei sem titubear tô me
tornando um inseticida? desculpa
qualquer coisa não é nada pessoal
no teu caso é uma questão de mera
segurança familiar plaft! você se
contorceu plaft! te desejei
agonizando em veneno vontade
de controle calculando o caos
resta dois tira um cosmos fora

V

é a criança brincando com
um crânio humano nas mãos
é Órion cego chegando ao
subterrâneo Hades penetrando
Psiquê água ferro genitais
primavera em tons vermelho
& preto profundas emoções
primitivas folhas caindo &
se decompondo na água parada
& fétida dos pântanos destrói
corrompe obsessão corrói
quanto mais você resiste mais
meu eu insiste bonita limpinha
& asseada você não passa
de uma menininha mezzo
acanhada mezzo assanhada

VI

daí rolou aquele papo hippie
de karma pra amenizar pra tirar
uma ondinha percebi que sim
é bem clichê mas toda morte é
um novo (re)nascer
fimnício constante
lemniscate libidinoso

sacralizando o inseto assassinado
metafísica aplicada à arte:

homem sombrio & lascivo ali
nascia Scorpio, o açougueiro sexy

POEMA CHULO Nº 02

então (de coração
constipado) diante
disso tudo

constato:

amar sem ser amado
faz tanto sentido
quanto limpar o cu
sem ter cagado

FÉTIDO OFURÔ

jogaram bosta no ventilador!

então nos vimos sujos & desnudos
todos nós mergulhados profundo
num grande ofurô de merda

essa podia ter sido nossa chance
de escolher um novo norte
de aproveitar a transformação trazida
pela crise nossa chance de encarar a morte
e deixar pra trás o que não nos servia mais
de renascer & seguir adiante

mas

jogaram bosta no ventilador
(detalhe:
jogaram no ventilador alheio)

& se omiti a verdade não foi
por receio não foi por medo
ou por maldade nem por
falta de cumplicidade

se lhe omiti a verdade (& entendo
que talvez seja difícil compreender)

foi por amor & lealdade.

OS VERBO

no meio da noite
no meio da sala
vindo da cozinha em
minha direção caminha
um grande cão preto
que diante de mim para
& esfrega a cabeça
em meus joelhos

pássaros num telhado molhado
os anéis de Saturno
a ópera lírica no teatro
as 63 luas de Netuno

— tudo que é belo me remete a ti

então você me dá um beijo
uma semente seca
adentra meu sapato

(o cão era carente)

: eu ainda me lembro dos verbo qu'eu fazia

PELO CHEIRO DA FLOR FANTASMA

súbito

aquele velho vazio me invade

— maldita saudade:

ainda vejo

seu fantasma vindo pela varanda

ainda sinto

o cheiro daquela florzinha branca

que você às vezes exala enquanto anda

mas ao contrário de você

(o avesso do avesso do avesso do avesso do avesso do avesso)

não quero esquecer

tudo o que aconteceu

apenas que (& como)

acabou

por sorte

a natureza é sábia:

lágrimas são salgadas

para cauterizar cicatrizes

SOBRE O PERTENCIMENTO (UM POEMA A QUATRO MÃOS VIRTUAIS & DOIS CORAÇÕES REAIS)

I - pretenso pertencer, prólogo

um pequeno instante de
profundo contentamento
na sua língua, eu sou sua
na boca tua, minha língua nua
despudorada & paradoxalmente pura

nos inspirados momentos de epifania
estranhas sensações procuro
& devoro tuas entranhas
tua mente, tuas carnes cruas

te procuro em toda parte
te procuro nas profundezas

ao bom navegador, a paz dos olhos seus

navegador que divaga impreciso
sem saber o rumo, só o destino
— 1500 quilômetros de (in)certeza, tudo indica
(536 da terra do mujica)

quanta dor, quantas epifanias
a 150 mil metros o mundo aponta

deixa de dor, pra nós
só alegrias

II - call dropped 2 minutes 22 seconds

quando o coração fala, são poucas ousadias
as compreensões puras, as vãs filosofias
os pertencimentos singelos, a grã-melodia
quando a pele grita — me desculpe a rima
reina o êxtase & a euforia
e diante de tal situação...

III - call started

abandonemos

o que enxerga o olhar

deixemos ver

os olhos do coração

abandone a fala

me cansa tanta admoestação

fiqueemos em silêncio
& que o mundo nos venha

em imensidão

o som dos seus dedos

são como os elos de outras lamentações

ai, você e os lamentos...
vamos para as ações!

as ações me são doces
como a surpresa
(surpresa, surpresa)

: dois elefantes sobre a mesa?
: uma rena usando trena
se questionando sobre a existência?

a paquiderme que lhes repõe las ventanas
o que nos resta?

isso é pergunta que se faça
nesta noite do universo
perdidos nessa galáxia
a essas horas da madrugada?

isto é pergunta de uma vida inteira
e a resposta não vale o pesar

o que vale é uma noite inteira
ao teu lado é o que eu quero
uma, duas, três mil
uma habitada inteira

desabitada pela vida
uma habitada verdadeira

serão os teus olhos lendas?
ou uma espera pelo amanhecer?

deixa de byronismo
desse lance medieval
deixa de adolecer

não entendo o que tu mostras
mas entendo o teu ser
(mais do que entendo o meu)

a vida é um jogo viciado

ao teu lado ver o sol nascer
preenchido por você
viciado em você
sucumbido por você

las mañanas en su lengua
toques simples de sinceridad
las abuelas de la memoria

en su vida
nuestra vida

mi portuñol caliente

meu dedo aponta:
este é o caminho
todos os meus dedos do pé
me levam na tua direção
& nesta direção

existe uma conformidade
um abraço de bem-aventurança
existe muito mais uma vontade

vontade unida ao desejo
& à confiança, nas artérias

nas mañanas

ensolaradas mañanas

mañanas con luar

me dices tu pensamientos
me dices tu comprensión
no más a subestime

solo pienso que:

- 1) el corazón es una fornalla
- 2) la vida és cómo tener sexo en el baño químico

<intermezzo>

— eu subi na árvore para ver o mundo —

your ego is not your amigo estava escrito na camiseta preta daquele cara grande com quem eu cruzei no caminho dos banheiros químicos. não somente a rima inusitada, mas o tamanho do texto naquele corpo volumoso — e talvez o haxixe — me fizeram sorrir.

</intermezzo>

IV - las mañanas

tú y yo en la roça
si, tú mismo, moça

yo?
sí sí, como no?
 como no pensar en la mañana
 cuando abrir mis ojos y verte
 como lo destino
antes de abrir mi ojos quiero sentir te
los ojos mienten, el tato no

eu vejo com minhas mãos
el corazón s'engana

(las mañanas...)

pero es sincero

sentir te
te sentir

adoro las mañanas

te sentirte toda

como una suerte de lo destino
como un premio de la lotería

yo te mordería toda
antes de que digas
buenos días

jajaja venga
venga que te quiero
como los felinos
le daría baño de lenguadas
y tengo ganas
ganas de encontrarte

(vuelvo)

sim, volte
y mismo que no vuelva
nunca saldrá de mi corazón
vuelve de la vida
como una canción
(kd vc?)

estoy donde siempre he estado
a tu lado
far away, so close

yeah
together on the sand

V - Call ended 27 minutes 50 seconds

tengo q deitar

yo la tengo también
(também gosto de yo la tengo)

deitar contigo

sí

acordar contigo

sí

bañarme contigo

sí

vivirme contigo

sí

encontrarme contigo

sí

encontrarme em ti

sí

VI - seis meses do início até aqui

fragmentada
é como sinto a trinca sacra

corpo-mente-alma

a alma mente
a alma mete
lama no corpo

meu corpo é um copo
de uísque falsificado
com três pedras de gelo
derretendo no deserto

decerto
uma hora isso passa

(espero)

quebra-cabeça quebrado
peças faltando peças rasgadas

das perguntas que mais escuto:
cê tá bem?
que que você tem?
posso usar sua tomada?

(tô nada)

VII - today

mas sendo a vida
um continuum cósmico
não linear

(mais uma vez)

it's better to burn out than to fade away

só sei que hoje eu senti

uma puta falta de você

POEMA DE UMA PÁGINA

você acredita em astrologia?
búzios, tarô, quiromancia?

você acredita em gastronomia?
caraíva, maiô, quiropraxia?

o semáforo esverdeia
 um jovem casal negro
no colo
 um pequeno bebê negro
na faixa de pedestres na rua
 um táxi dá luz alta

(aí virou um octeto)

andando pelas ruas
te vejo em muitos postes
pelos becos te vejo
em todas as vias

a verdade jamais é tardia:

 estrago a pessoa amada
 em até três dias

— obrigado por futilizar nossos serviços.

PINGALOVE



*Te amo ainda que isso te fulmine ou que um soco
na minha cara me faça menos osso e mais verdade.*

HILDA HILST

SINFONIA DO MUITO OU POUCO QUE HOUE ENTRE VOCÊ & EU

1º movimento - *Quasi Allegretto*

no Incor
instrumentos
medem as batidas

mas como uma
máquina vai dizer
qual o ritmo certo
pro samba que toca
no meu coração?

na sala
a tua vitrola
deixa a gira girar

dias atrás um
muro da cidade
me disse “a ilusão
não tem lepra”

:
no dia seguinte
o calaram

meu coração é um músico bêbado
puxando um samba de breque
numa escola infantil
pois toda célula cardíaca
pode gerar eletricidade

acredite: até
Djavan eu já
ouvi hoje

(os dois discos)

HIPSTER CATS AT THE SUN

eu gosto de te imaginar de cara amassada de calcinha
& aquela regata do star wars você descendo com cuidado
pela escada no seu pijaminha nerd deveras
excitante sobre os teus pequenos & deliciosos peitos

eu gosto de te imaginar tomando um banho quentinho
no chuveiro aquecido pela luz solar & depois de cabelo
molhado te imaginar comendo um abacate sob o sol
com aquele gato gordo & peludo no seu colo

gosto de te imaginar meio perdida na cozinha
sozinha olhando para os lados procurando açúcar
(fica num tapauér quadrado na prateleira
bem ao alcance dos teus olhos mas você não vê)
da mesma forma que eu tantas vezes estive ao
alcance dos teus olhos sem você me ver

acho gostoso pensar em você sozinha em casa
comendo outro abacate enquanto mexe nos papéis
rabiscados sobre a mesa do ateliê acariciando a rosa
vermelha com cheiro de lua cheia que colhi de noite
sobre a mesa aquela clima brega-clichê-romântico
qu'eu adoro tomando sopa de abóbora à luz de velas

gosto de te imaginar esquecendo um pouquinho
da tua doce & inebriante fragrância nos travesseiros
sob o canto dos primeiros pássaros matinais
gosto até mesmo de quando você muda de ideia
no meio da madrugada & me tira de casa na noite fria
bebadinha engraçadinha toda sexy & fofinha

gosto de você entre descobertas & revoltas
carambolas & mexericas, estrelas & sorrisos
& assim como, mas também ao contrário
não sou saudável, mas sou saudades
& mesmo quando você diz que não

gosto de te imaginar comendo a manhã
mesmo sabendo que é preciso muita fome
ou um bocado de ansiedade
para comer o amanhã.

OUTONAL #01

segurando um coração ensanguentado
em minhas mãos quebradas
atravessei invernos sonhando
em ser um homem na lua

depois

dentre tantas flores tolas
reluzindo displicência eu disse
cuidado pra não se furar
nos espinhos da primavera
por meses
mesmo desacreditado
insisti nas verdades escusas
supostamente ditadas por Vênus
vocês verão darei um jeito

(súbita numa divertida noite
quente você chega sutilmente
soprando astros desastrados
& sentimentos empoeirados)

nesta clara manhã de segunda
quando o vento frio alivia
& o sol caliente aconchega
te estimo te sinto afeto festa

— é outono em meu peito.

POEMETE Nº37

acordo torto antes do sol

& como uma fera boba em loop
perambulo por entre pastos & plantas
perguntando: por quê?

— veja só você: dizem agora
que até o ano começou —

& pelo caminho, flanando
não vejo uma flor, ma fleur:
vejo um buquê.

(MAIS UM) POEMA EM VÃO

youê aí toda
s'esquivando
esperando
(em vão)
seu godot

& eu aqui
(por ti)
poetando
expondo ao
mundo todo
meu amô.

POEMA RUIM Nº 3

são 3 horas da manhã &
lá fora sobre a porta de
entrada de casa mais de meia
dúzia de aranhas trabalham

ouço grilos ouço o vento
nenhum sapo ou mesmo rã

aqui dentro as notícias políticas
a solidão me deprimem
gatos & crianças dormem

as horas os pensamentos passam
até mesmo essa vontade súbita de
marrom-glacê, passa

só não passa, claro, essa
maldita vontade de você.

SMARTPHONES & STUPIDPEOPLE (POEMA POTIGUAR Nº02)

num paraíso de águas claras
sentado n'areia de costas
para as falésias vejo
o mar acariciando as pedras

& ao meu lado pessoas
casais famílias solitários
turistas acompanhados
limitam o mundo às telas
de seus smartphones

no alto de um mirante
numa pedra no meio do mar
não é a paisagem o momento:
são as imagens tiradas
que os maravilham

na beira d'areia vejo
uma simbólica criança seca
mesmo estando envolta em mar

enquanto isso

as nuvens ventos a maré
as pranchas os naufragos
aves peixes & afins
até mesmo o sol o luar
seguem plenos ignorando
os ignorantes à beira-mar

POEMA CHULO Nº 3

abro o whatsapp
pra falar de trabalho

vejo que você
mudou sua foto

penso que linda
& já me embaralho

você está online
ainda assim seguro
a vontade me calo

& penso que amar
é mesmo uma merda

caralho!

LUZ INTERDITA

é a energia que está presa
dentro do núcleo do átomo
de um material pesado
como o urânio, meu coração, por exemplo

ou seja, Potência, Energia desconhecida & imanifesta
mas existente & real — sua influência pode ser detectada
no mundo fenomênico
antes mesmo dele existir como realidade observável

é como a eletricidade:
não podemos vê-la, mas sabemos que ela existe

seus efeitos são sentidos na realidade manifesta
ela move nossas máquinas ilumina nossas cidades
produz calor quando encontra resistência
queima a nossa mão, meu coração,
quando pegamos, ela queima
quando penso em você

a cabeça dum gato
escondido no mato

um número quântico
a decomposição das partículas
em fortes reações eletromagnéticas
ocorridas em um curto período de tempo:

paixão

não é possível vê-la, detectar a sua existência
ou medir sua potência
mas eu você todos nós sabemos:
magnetismo gravidade etc.
núcleo rompido energia liberada
imensa onda de calor & radiação:
queima tudo que existe
quilômetros à sua volta
explosão duma bomba nuclear:

paixão

andando roto pela rua nua
tua lembrança crua cruza minha memória
numa região do espaço onde a gravidade é tão forte
que nem a luz consegue escapar:

existem milhões de buracos negros no universo
em processos governados por
interações fortes ou eletromagnéticas
a estranheza total deve permanecer constante
em processos governados pela
interação fraca a estranheza total
permanece constante ou muda em uma unidade

mas

esse decaimento aparentemente não ocorre
evidência de que nas interações eletromagnéticas
a estranheza é conservada

seus suculentos lábios vermelhos
o sabor da maçã do amor
(tanto tantas horas do dia desejo)

o descobrimento dos quarks para preservar a continuidade da frase
a estranheza das antipartículas +1 & partículas -1

todos os números quânticos
valores de quarks: estranheza,
encantado, cima, baixo

— eu sou o vento frio que te balança
perfumada flor da primavera.

JINGLE

o tempo passa
o tempo voa
& eu continuo aqui
esperançoso
& tolo sempre
t'esperando à toa

POEMA CONVICTO

ainda há estrelas
pela madrugada
na qual caminho

desejo

ter dentro do peito
uma bola de sorvete
doce porém fria

pirâmide

patético
me sinto tão só
choro até no varal
pendurando roupa sob o sol

constelações

não tenho provas,
apenas convicções:

— todo ser só quer
amar & ser amado.

SINFONIA DO MUITO OU POUCO QUE HOUE ENTRE VOCÊ & EU

2º movimento - *Adagio Appassionato (ma non troppo)*

dias talvez semanas atrás
um (outro) muro me disse
“amor é quando você tem
todos os motivos para
desistir de alguém
& não desiste”

:

mesmo parados
esses muros andam
muito espertos
— claro que poucos
dias depois também
o calaram

:

mostrar os sentimentos
não é fraqueza mas sim
a verdadeira fortaleza
por isso
aguei as flores mortas
do canteiro com café
de ontem só pra ver
se o cheiro da terra
cafeinada
atraía de volta
a deusa dançante
da madrugada
godiva descabelada
vestida de lustre
sustentando indefinidamente
uma nota & um cigarro nos lábios
fumando canções chuvosas
para dias de pergolado

:

— sobre a pausa
suspensão

(a verdade é que sou
mais solitário do que
gostaria de ser)

POEMA DOS ANOS 20

então o inverno finalmente chegou
congelando investimentos em educação
saúde, previdência & programas sociais

— afinal, é preciso pagar os custos do golpe

então no meio da tarde de hoje
o dia se fez noite
não apenas para mim
não apenas no meu peito
mas sobre toda uma nação

a ganância de 61 corruptos escrotos
se sobrepôs à vontade de 54 milhões
de brasileiros que acreditaram
ter o poder de escolher seu representante
que escolheram UMA representante
que errou duas vezes ao escolher
como vice um vampiro farsante

eu só queria ter alguém comigo
que me desse um abraço forte
oferecesse um ombro amigo para minha tristeza
& me dissesse “calma, tudo vai ficar bem, meu bem”
mesmo sabendo que pelo menos pelos próximos
dez anos, duas décadas talvez
nada vai ficar bem, meu bem

foi um canhestro golpe de direita
um direto no queixo apoiado
até pela esquerda destra
maquiado pela mídia escravocrata
a nocautear esta jovem bela, recatada
& (agora novamente) do lar:
a Democracia

agora, meu almoço, meu primeiro almoço
dentro de um país sem liderança política eleita
pelo voto popular, um país pobre, principalmente,
de espírito, saqueado, corroído por ratos que rastejam

entre frestas obscuras das leis, defecando sobre aqueles
que não servem aos seus interesses escusos,
tem o repugnante gosto amargo da raiva
— a sobremesa, ácido da solidão.

tento crer na sabedoria deste riocorrente
a Vida, os ciclos, toda a metafísica hippie
soterrada pelas distopias
opressão, desespero & privação

os sorrisos das crianças, o ronronar dos gatos
as curtidas, comentários & compartilhamentos
não preenchem esse vazio dilacerante

porém não quero este poema derrotado

a Poesia não deve ser pessimista
pois se por si só pode não ser capaz
de mudar o mundo, pode sim sensibilizar
aqueles que, como escreveu o poeta,
navegam pelo agitado mar da história
& são capazes de ajudar a escrevê-la

a próclise acima faz-me recordar
que além dos direitos conquistados
pela minorias, esse crápula escroque
pseudopoeta de araque apropriou-se
em seu discurso do poder da mesóclise
rompê-lo-emos
no futuro do presente
cortando-o como uma
quilha à onda corta
um a um
cortaremos a voz os galhos raízes
& tentáculos desses parasitas
nos subsolos dos códigos binários
dentro do centro de controle
implantaremos o germe da fênix
chagas expostas em
autocombustão social
tudo consumido pelo fogo

então

numa bela manhã talvez
no 1º dia do outono ou
num novo 31 de agosto
junto ao sol rasgando as nuvens
levantaremos das cinzas
bateremos a fuligem
oriunda desta época suja
sairemos dançando rumo ao balcão &
tomaremos o drinque mais forte do bar
para curar a ressaca de uma década
comemorando o início
daqueles loucos anos 20.

POEMA PÓS-FERIADO NO MEIO DA SEMANA

hoje acordei meio esquisito
sentindo coisas que há tempos
não sentia

os lençóis da minha cama são furados
não causarei boa impressão te levando
pra passear no meu carro nem
marcarei sua memória te levando
pra jantar num restaurante caro

então refleti
buscando sentir o que estava
me deixando desse jeito

& procurando, descobri:

encontrei um antigo fio do teu
cabelo tal qual arame farpado
enroscado no meu peito

na hora do café, sentado
à mesa, imagino você voraz-
mente devorando abacates
imagino teu sorriso teu carinho

encontro até número
quântico de estranheza
mas nada da tua presença

tento não palpitar, mas é impossível
negar: você está crescendo
lembrando cada vez mais
ao menos naquela tarde fria
uma atriz de cinema francês

por isso, desde quando
você se entregou, manifestou-se
ciumenta & eu baixei a guarda,
me incomoda te ver, inconsciente-
mente se diminuindo para caber
nessa velha vestimenta

mas, ao final, quiçá para você
eu seja apenas mais um problema
um chato que não para de
te encher a paciência,
insistindo em te eternizar
mais uma vez, talvez à toa,
noutro poema.

APNEIA

a poesia não quer adeptos, quer amantes
disse certa vez meu amigo federico

a poesia deve ser entre duas pessoas ao invés de duas páginas
sugeriu o poeta entre pintores frank o'hara

camaradas
às vintetrês & quarentetrês
na véspera de setembro, 23
telemarketicamente falando
lhes digo: não está sendo nada fácil

entre a paixão defasada & o amor resignado
num limbo afetivo m'encontre buscando
mais uma vez afogar a estupidez
por ter exposto meu peito aberto

a inocência dum lêmure
o fêmur dum troglodita
me moendo a existência
a distância como única saída:
sempre me atraí pelas proparoxítonas

a vida segue truncada
tento fazer uma roda
quadrada girar pela calçada
#flintstonesfeelings

(braços mordidos por cães
gatos cagando em edredons)

o amor é o contato de duas poesias,
a fusão de dois devaneios

minhas divagações são fadadas
à solidão, minha sorte afetiva
mais fria que geleia de ultrassom

começo a pensar ser melhor caminhar sozinho
pelo deserto seco do que molhar apenas
as pontas dos pés, caro colega gaston

pois mergulhos profundos em pessoas rasas
podem causar traumatismo emocional

a testa bate na pedra
o peito exala um cheiro podre —

quero ficar sem ar entre tuas pernas
me afundar num amor úmido
& respirar pelo teu útero
quero incendiar nossas vidas:
você minha roma, eu teu nero

ouço várias loas:
você é lindo, você é fofo

mas na verdade não passo de
mais um troca um gato resfriado deitado
em cima da impressora espirrando
enquanto as palavras s'embalharam
& minha barriga ronca

o silêncio
é o mais triste, rude & efetivo dos recados

a saudade
uma das formas manifestas da maldade

sozinho eu tento trilhar os meus caminhos
possibilidades de felicidade
dissipam sem liberdade
aqui caberia uma rima
com outra cidade ou ainda
algo relativo à idade

ao celular tento falar
mas as palavras não saem
tudo é vão

:

minha mensagem não vai
mesmo minhas amadas palavras
parecem querer me deixar

meu egocentrismo caprino
o caranguejo carente
ou teu orgulho felino?

triste é pisar nas flores
que ainda não tiveram
a chance de crescer

o amor é um gato faminto, maltratado
& arisco, que arranha, fuge & lambe
as feridas que causa sem querer querendo

eu fico atônito sem
saber o que fazer

pra onde ir? quero correr
mais rápido que o flash, romper
a barreira do som, romper
esta maldita maldição

triste é amar & ter que esfaquear o coração
picá-lo em pedacinhos minúsculos
para ficar mais difícil & ver se assim
agora desisto de tentar colar

(eu te olho & tenho
vontade de chorar)

me sinto tosco babaca mais reles
que a mancha de ketchup mal
esfregada na farda de um meganha

mais fácil seria pensar & se dedicar
a coisas tipo futebol matemática
ou mesmo uma lasanha para
parar de me ludibriar com essas
esperanças vagas & desacreditar
meu próprio papo aranha

crystal por entre os seixos
numa noite fria, entre teus
seios, você me trouxe
o sol
& hoje eu conheço

a escuridão da tua ausência

pois quando até o tinder diz
não há ninguém perto de você
& a poesia parece te abandonar

é preciso deixar de lado o romantismo
o querer o gostar a porra da merda do amar
e escrever

pois ao final,
a poesia nunca nos abandona.

SINFONIA DO MUITO OU POUCO QUE HOUE ENTRE VOCÊ & EU

3º movimento - *Amore Rallentando (staccatissimo)*

vexilólogo de estandartes invisíveis
eu vejo os fogos calarem os sapos
enquanto queimam dinheiro eu vejo
crianças passando fome & frio
enquanto o Cunha gasta
milhares de dólares roubados
em restaurantes & lojas de grife
enquanto uma corja de canalhas
corruptos afunda o país em mentira

faço bolos mas
nem todos crescem

& tem os gatos
que me miam
& se movem
sorrateiros
pelos pingos de noite
caindo do telhado
& tem as crias
que me cantam somente
o que não pode mais se calar
saltitando serelepes
pelas tardes tortas
guardadas no armário
logo ao lado das raquíticas
expectativas cultivadas
no início do outono
placebo
percebo
que o que tenho pra perder
eu já perdi (quicá
restava uma réstia
d'esperança refogada
com cará & incerteza
esquecida num tapauér
na gaveta da geladeira
que no freezer tem um

adesivo do Crumb que
com a família aos doze
se mudou para dellaware)

além da tua vitrola vintage
você ainda tem uns
bons discos tipo
aquele do caê com
os sulcos da faixa três
do lado A mais fundos
gastos de tanto tocar
muito

uns bons discos menos
aquele do francês tocando
atabaques fora os discos
de música clássica qu'eu
peguei emprestado pra
gente ouvir e seguirão
mudos
suas cordas enferrujando
sopros entupindo dedos
craquelando suas almas
ansiosas pelas 33 rotações
para serem enfim libertas
nuas no espaço indo & vindo
ritmicamente tal qual uma
febre terça delírios & bilocação
set the controls to the heart of the sun

esses dias li não num muro
mas num poemalheio
que o poeta não escreve sobre si
escreve sobre só
também dizem que
o contrário do amor
não é o ódio
mas a indiferença
por isso a omissão
desconforta mais
que uma ofensa
&
teu silêncio sustentado indefinidamente magoa
quem só quer um acorde perfeito maior

(roubei)

RELATO (UM POEMA AMARELO)

tem dias — muitas vezes
a maioria deles — mesmo
com pássaros cantando
sol raiando & céu azul
minha vida acorda meio blue

preso à cama, o corpo
é uma âncora
presa ao corpo, a alma:
ânsia

levantar-se é um ato hercúleo
lavar o rosto, se vestir, comida:
tudo parece nada

um gato sobe
sobre mim afofa
meu peito s'esfrega
em minha barba

outro gato surge
& lambe minha cara

seu ronronar ressoa
no centro do meu ser
“levanta, cara!”
não sinto fome mas
sei que preciso comer

(capuccino com conhaque
não conta como comida)

o pão a manteiga
a banana com aveia:
tudo tem gosto de areia

penso no aluguel na
mensalidade da escola
supermercado pensão
alimentícia minha conta bancária
mais vazia & negativa que os
buracos negros de antimatéria

penso em tudo que sei fazer
na alta qualidade do meu trabalho
minha eficácia & compromisso
— mesmo deprimido, capricorniana-
mente, não me torno omisso —
ainda assim, preciso mendigar serviço
& isso acaba comigo

penso nas garotas que pela
vida encontrei, umas que gostei
aquelas que amei & pela tangente
saíram quando me declarei

penso naquelas que de mim
de verdade gostaram & eu declinei

sinto medo de não quebrar
minha maldição de poeta:
sempre apaixonado,
always renegado

a autopiedade é a pior das desvirtudes

mas nas horas mais escuras
quando todas as lâmpadas
parecem queimadas, os pavios
das velas estão molhados & até
o sol s'esconde atrás de densas
nuvens, lembre-se
(lembrar-me-ei):

palavras — ditas, escritas, ouvidas — são mágicas

podem mudar o curso dessa
montanha russa maluca
chamada Vida

quem é da fala, fale, converse
turma de escrita: anote, registre
empírico
peço, sugiro, seja qual for sua forma,
seus medos, dores & anseios,
compartilhe:
— é preciso pôr pra fora aquilo que nos aflige.

X-POEMA BACON (POEMA POTIGUAR Nº04)

escrevi este poema
em guardanapos vagabundos
duma lanchonete qualquer
no rio grande do norte
m'embriagando aos poucos
perambulando lépido pelos
paralelepípedos numa
solitária noite de sábado
na principal rua da famosa
praia da pipa

passei por bares restaurantes
mulheres de braços tatuados
roupas floridas velhos hippies
vendendo artesanato litorâneo

foram sete guardanapos
rabiscados enquanto
aguardava um x-bacon

o vento levou o 1º deles
talvez Iansã quisesse lê-lo
por isso esse começo é um
improviso do passado

lembro que mal eram dez
da noite mas poderiam ser
três da madrugada pois
meu pobre coração não vale nada

mesmo cheia a cidade estava abandonada
& aquela rua não tinha mais nada de mim

analgésicos não mais me aliviam
tomei o 3º vintenove minutos atrás
lindas morenas curvilíneas
& seus gringos esticados:
quero chorar de dor

meu dente dói

meu dente dói

(só pode ser caso de canal)

a moça de sandálias
short jeans & blusa preta
convida os turistas
para o samba no bar
é “a mais bela das caboca”
dessa biboca, meu amigo Lutero

é véspera do dia dos namorados
casais corroem os restaurantes
aos montes mas com essa cara
de gringo falido, sorry cabrón
estoy fora do escopo dela

mulheres envoltas em
panos coloridos sorriem

meu dente dói

moçoilas de look
exótico me atraem

meu dente dói

peixes massas camarões
crepes carne de sol
tacos tapiocas açai
já cruzei a rua toda
de ponta a ponta
duas vezes atrás de algo
que me chamasse à fome

terminei aqui
neste confortável balcão de madeira
sentado numa banquetta alta também
de madeira que me permite
olhar a rua os casais a moça
de sandálias short jeans & blusa
preta que convida os turistas
para o samba no bar

pela cevada o álcool

pela embriaguez a poesia
porcamente se manifesta
em mim: meu dente dói
sinto um misto de inveja
& pena dos incautos
transitando pela
baía dos golfinhos:
meu dente dói
enquanto a moça de
sandálias short jeans
& blusa preta de olhar
& caminhar objetivos
sem esboçar qualquer
rascunho de sorriso
passa próximo a mim
pela terceira vez

olho & me calo sobre isso:

meu dente dói

os guardanapos estão acabando
estou lesado talvez cambaleando
sobre a banquetta alta de madeira

meu dente dói

minha cerveja acabou
o papel acabou

meu dente ainda dói

nem são três da madrugada
mas acabou
acabou
acab
ou

.

ALÍVIO

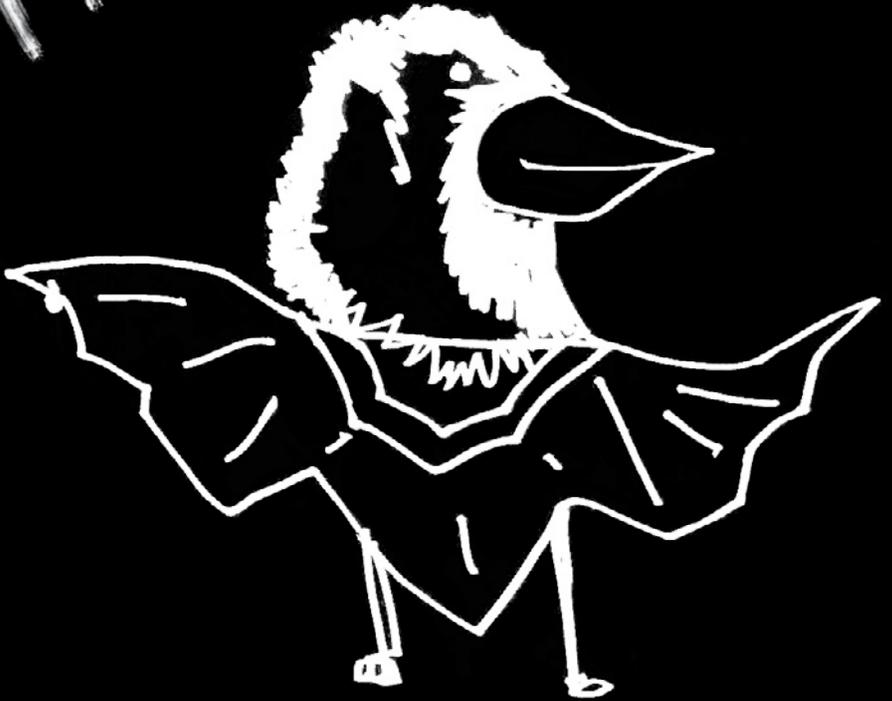
pedra
pólvora
bomba atômica
mídia golpista:
tudo balela

cada vez mais
constato que
a sinceridade
— assim como o amor —

é a mais revolucionária das armas.

BIRINAITIS

2017



*Meu bem,
o mundo inteiro está naquela estrada ali em frente
Tome um refrigerante, coma um cachorro-quente
Sim, já é outra viagem
E o meu coração selvagem tem essa pressa de viver*

BELCHIOR

DEBAIXO DOS LENÇÓIS DO TEU ESPELHO

há uma festa na cama do poeta

chefs renomados supermodels top djs
celebridades do momento capas da capricho
ex-amantes de ex-BBBs bisnetos de antigos barões do café
empresários multimilionários & seus políticos de estimação:
todos estão lá

há uma festa na cama do poeta

escravos de direita celebram superávits primários
esquerdopatas fazem selfies com patos compactos
hipsters viram hamsters & penetras transam de pijamas:
verdadeira orgia herege da cachaça santa

há uma festa na cama do poeta

socialites tomam espumante coronéis bebem uísque
dondocas petiscam conosquinhos
marchands s'empanturram de canapés
atores globais cheiram purpurina &
artistas de vanguarda fumam borboletas

há uma festa na cama do poeta

mas ele mesmo
não foi convidado.

CNTP

tenho tido intensos
diálogos em silêncio
no banho monólogos
contigo com elas
comigo

.
mesmo
com a lataria toda amassada
faróis queimados vidros
quebrados todos os pneus
murchos e/ou furados

em condições normais
de temperatura & pressão
já coube uma kombi
em meu coração

POEMIMIMI

na mesa d'uma lanchonete d'esquina
sentado espero por um PF enquanto
rabisco estas linhas & penso na vida
 penso em você
 em nós
 lembro da gente um ano atrás
 lembro da gente na véspera do teu aniversário

do outro lado da rua
vejo uma família humilde com seu carrinho de catar papelão
abrigados da chuva naquela esquina sob o toldo
de um antigo restaurante por quilo
fechado por conta da "crise"

 mesmo distante percebo que
há mais amor no sorriso daquele pai pobre
 sentado no chão brincando com seu filho bebê no colo
há mais amor na filha mais velha dividindo
 meia marmita fria com seu cão sarnento
há mais amor naquela família de catadores de papelão
do que em todas as repartições públicas de Brasília

 a tv da lanchonete anuncia:
um ministro morreu
mentira:
um ministro foi morto
um ministro foi d e s c a r a d a m e n t e
assassinado
pela corja de calhordas no poder
desde o golpe de dezesseis

 neste lado da rua
mesmo com as frituras da chapa
& toda poluição preenchendo o ar
eu sinto teu cheiro em meu peito
 o gosto enigmático do teu beijo
 a temperatura o peso a pressão do teu corpo unido ao meu

éssepê & você me inspiram
mas por dentro sou só destroços

ESTRELA CÚBICA

às vezes
a interação no interior do cristal
faz com que um fóton do pulso de luz
se divida em dois novos fótons

(ainda assim
não há simbolismo
que vença o medo)

estamos ambos cansados
seria só repetição
& redundância

pois

ao teu lado
meu coração fica trincado
remendado com esperadrapo

mas

mesmo sabendo disso
resolvi arriscar & insistir:

claro
que não deu em nada
but ces't la vie

(gostar de alguém não é difícil
o complicado é desgostar)

eu quis me unir a você
como o triângulo
para juntos sermos mais
que a soma das nossas partes

eu atravessei o fogo
para sair mais forte

porém

teve aquele-cara-
que-você-conheceu-
no-final-de-semana

tô cansado —
sou só repetição
& redundância

(os dois novos fótons no interior
do cristal estão entrelaçados)

a Rainha de Paus
o Rei de Copas
o Três de Espadas

— até o tarot me traiu.

SOLVE ET COAGULA

sou o feixe de luz que se divide
ao atravessar o prisma

sou sol vermelho
forma-pensamento
flores pretas & vetores do tempo

os deuses deram aos homens
fogo inspiração & magia

da união dos três dois lobos
filhos do sol & da lua
correndo atrás de seus rabos
ouroboros revezando
a noite & o dia
inventaram o Amor

uma estrela negra
atávica corda misteriosa
amarrando todos nós

agora o céu visto do quintal de casa
brilha mais que os teus olhos tristes
camuflados pela fumaça de mil cigarros
que impregnam tuas roupas com aquele
cheiro ruim que ainda assim eu sinto
saúde & quero perto de mim

agora o que é & o que parece ser
perderam distinção — palavras
penduradas em árvores esperam
a segunda lei da termodinâmica
para se tornarem poemas

menos organizado
vou me tornando mais frio
— estou perdendo calor

aí tudo desandou & o caldo azedou

eu te imagino com um violão desafinado no colo
teus dedos finos buscando os acordes da tua timidez

puro romantismo meu — você está longe &
minha paixão por você foi só mais uma coisa banal
mas
de que vale o espaço/tempo
quando se fala de amor?

o silêncio também é um som uma frase
distorção no fluxo cósmico —
detrito, dejetos de nitrito
distrito de nitrato
pequena parte da mente
sub-rotina, demônio
um pequeno circuito
o sangue de 52 universos
o calor de dez bilhões de sóis

galáxias confusas colidem dentro de mim

a mão que hidrata a bunda é
a mesma que acaricia a tapioca

vejo o fio do destino
a ordem secreta dos anjos —
sete ao todo, responsáveis
pela manutenção do tecido
que nos une ao universo

cabelo de Vênus
eu te olho & vejo toda
a Beleza & a Tristeza
da Poesia no teu olhar

eu te olho & vejo
o sol no crepúsculo se recusando a morrer

DAS ESTRANHAS PROPRIEDADES DA MECÂNICA QUÂNTICA

um conceito tão simples não poderia funcionar

o tempo de armazenamento de uma memória quântica
compatível com as telecomunicações um desafio
crucial para os investigadores de todo o mundo

oprimir o outro, tentar
é a pior forma de militar

o número mais legal é
o número imaginário i

o louco só se torna mago
quando cai no abismo
& descobre que voa

agora
meu coração pesa
menos que uma pena pesada

quebra de dormência

(pesquisar)

a nova dinâmica do trânsito:
os semáforos wi-fi &
seus drones pré-pagos

os íons do érbio contidos num cristal
podem armazenar informação quântica
durante mais de um minuto

minha casa é o seu meio de transporte
uma instalação enântica em escala real

— na era do pós-tudo
tudo é possível.

OUMUAMUA (O MENSAGEIRO QUE CHEGOU PRIMEIRO)

o mesmo poderia ser possível em outros sistemas solares

longas cegonhas & seus ovos de metal
de quase ou mais de uma tonelada

enroladas em cobertores puídos
estrelas descalças se apagam
como livros não lidos, esparramadas
pelas calçadas da cultura

“dois mil habitantes,
feitas de madeira, feiasas”

peessoas tornam-se pontos
pontos tornam-se borrões
& os borrões passado pensado
como um objeto extremamente escuro vermelho
absorvendo 96% da luz que cai na sua superfície

crianças arrastam vidas
& vendem sonhos
é 1 por 3, 2 por 5
na mão & na validade

é um real
os último, rápido, pacabá
três chegam & três saem, todos os dias

:

no ponto-final
todas as linhas seguem
na mesma direção
a tênia cega faz a curva
girando a cada 7.3 horas
viajando rápida demais
para ser capturada
pela gravidade do sol

menino-xamã mexendo na samambaia
empilhando blocos de construção

moléculas biológicas permitem
que a vida funcione
moléculas orgânicas
colisão de cometas & asteroides
no início da Terra:
repetições palindrômicas curtas
agrupadas & regularmente
interespaçadas

I like flowers
but I love fire

o Vazio é o fundo imóvel
sobre o qual o Tempo se move

um cristal reforçado com érbio
fonte de luz quântica, a Vida possível:

é Saturno, o irmão negro do Sol

I'm not a dark,
nor a black,
but a bright star.

OS CRISTAIS DO ESPAÇO/TEMPO (POEMA DA PAIXÃO QUÂNTICA EM CINCO ATOS)

sozinho na cozinha de casa como macarrão

o molho branco
me leva qu'escorre pela minha barba vermelha
de volta ao bar
de volta ao momento no qual
rindo você tirou um pedaço de carne
casca de pastel ou coisa que o valha
enroscado em minha vermelha barba

naquela noite você fazia anos

um rubi um diamante
não se movem
estão em equilíbrio

quando estão parados

no estado zero

o amor é uma hipotética partícula elementar

(a seguir, faça aspas com os dedos)

“FÓTON ESCURO”

estrela binária
raio de elétrons

2.

sou péssimo com cheiros
meu olfato é horrível & às vezes
eu mesmo não cheiro muito bem
ainda assim
na manhã seguinte quando pisei pra fora
surpreso senti de modo intenso
teu perfume impregnado
no ar na porta de casa

(foi estranho)

ε

**quem de longe observa esta terra
hoje seca olha essa paisagem devastada
& cheia de buracos não imagina
quão frondosa ela já foi**

a conjunção da lua com vênus em peixes
suposto momento propício à expansão
das relações românticas se encerrou
um dia antes do meu aniversário
na véspera do nosso reencontro

*preciso ficar sozinha
nunca fico sozinha
nunca estive sozinha
preciso quebrar padrões
disse a moça pro
moço do filme*

é uma estrela anã branca muito magnética
girando em alta velocidade
elétrons acelerados até atingirem
a velocidade da luz
explosões que formam o facho & você
na porta de casa fumando mil cigarros

a chuva insistindo em molhar a ponta dos nossos pés noturnos
galáxias em espiral são mantidas unidas
por uma misteriosa matéria escura
a cada tragada sua expressão se transmutava

quanto mais você tentava se afastar mais
a sinceridade o silêncio a saudade nos aproximava

— a nova força interage com elétrons
& nêutrons a uma distância muito curta

segundo os pesquisadores nunca
nenhuma partícula apresentou esse padrão

(há diálogo)

o facho atinge a estrela
anã vermelha fria &
todo o sistema pulsa



*um cristal quadridimensional
rompe a simetria do tempo*

/

V

eu queria que você tivesse um quinto da saudade qu'eu sinto
& tivesse que lidar com a ansiedade afetiva com a qual vivo

quando um material está no estado energético mais baixo
é impossível haver movimento
por isso a paixão — cometa torpor explosão

é a matéria do não equilíbrio

não consegue ficar parada

por isso passar os dias todos te vendo ali toda online
utopicamente acessível à distância de um toque ou clique
& me segurar pra não te mandar uma música um alô
uma besteira qualquer tipo “oi quer tc?” só pra puxar papo
é algo que merece ser comemorado

vamos nos ver hoje?

a matéria escura — 85% do nosso universo
é aquela que não emite luz & só é detectada
pelo seu efeito gravitacional na matéria comum

(de alguma forma ainda não clara pra mim
existe uma analogia entre isso & nós)

*“you’ve got this strange effect on me
& i like it”*

os cristais do tempo têm uma estrutura
que se repete tanto no espaço quanto no tempo
são como gelatinas: quando você toca, tremem
só que nesse caso
ela não precisaria ser tocada para ficar tremendo

quando você me toca eu me acalmo
quando a gente se abraça
respiro fundo pra sentir sua luz afetando
a matéria comum das minhas fossas nasais
eu me sinto mais forte sinto a quinta força
da natureza atuando em mim ao nosso redor

o estado de zero gasto de energia desses cristais
é justamente ficar se movendo & o meu desejo
é deixar de crer que a paixão nada mais é
do que uma bela foda fadada ao fracasso

[ninguém nunca escreveu
um poema pra mim]

Saideira

posfácio por
Baga Defente

Saideira

Agora que você já leu o livro todo (ou assim o deveria ter feito), me sinto mais à vontade para compartilhar um pouco da criação dele e minhas impressões ao longo desse processo.

Desde 2013, eu vinha produzindo, de forma espontânea e aleatória, alguns zines e livretos. Em 2015, decidi que era hora de organizar meu material e publicar um livro. Sem paciência para conseguir uma editora, optei pela autopublicação. Eu tinha algum conhecimento básico de diagramação, pesquisei sobre papéis, comprei uma impressora adequada e parti nessa missão. Seleccionei e ordenei os poemas escritos a partir dos dois anos anteriores. Criei um projeto gráfico, ainda que simples, interessante. Imprimi, dobrei e costurei à mão cada um dos 50 exemplares dessa tiragem artesanal. Assim nasceu *enquanto você toma rumo eu tomo rum*, meu primeiro livro autopublicado.

Foi um período intenso em minha vida, eu estava criando e escrevendo bastante, e gostei tanto do processo de conceber e materializar um livro que no mesmo ano lancei um segundo, *cointreau+alt+del*, uma espécie de sequência do título anterior, seguindo a mesma concepção gráfica, editorial e poética. Sem perder o ritmo, no ano seguinte, lancei *PINGALOVE*, livro que concluía a minha “trilogia etílico-poética”, dados os títulos das três coletâneas de poemas. Para minha surpresa, graças às pessoas próximas, divulgação em redes sociais e participação em feiras, rapidamente os três se esgotaram.

Cinco anos e cerca de 10 livros editados depois — entre edições artesanais e pequenas tiragens impressas de autoras e autores próximos, em 2020, senti que era hora de reunir esses três títulos em uma edição “oficial”, com direito a ISBN, ficha catalográfica e, quiçá, o fetiche da capa dura.

Pensei em fazer um financiamento coletivo, mas aí veio pandemia, sustos e incertezas... de forma adaptável a vida foi acontecendo e este projeto entrou em stand-by, até que, poucos meses antes desse ano esquisito (ao menos em teoria) acabar, apresentei esta proposta em um dos editais da Lei Aldir Blanc, essa ação tão importante, diria até essencial, para nós artistas de diversas áreas neste contexto difícil que ainda atravessamos no momento em que escrevo estas palavras, em abril de 2021. Para minha imensa alegria, a proposta foi contemplada e assim obtive recursos para executá-la.

Peguei os arquivos originais para reler, editar e fazer ajustes em janeiro de 2021. Apesar de ter achado que seria um processo mais longo e dispendioso, em pouco mais de uma semana eu não só fiz minha revisão (cortando dois ou três poemas mais fracos, editando trechos de outros), como também organizei um quarto título para integrar o livro: *Birinaitis*, pequeno conjunto de poemas escritos em 2017, ou seja, após a publicação de *PINGALOVE*, mas que dialogam e realmente concluem minha agora tetralogia étílico-poética, já apontando novos caminhos de exploração que minha escrita tomaria nos anos seguintes.

Eu jamais havia relido esses livros depois de publicados; muito menos assim, de forma sequenciada, como uma única obra. Fiquei surpreso quando constatei o óbvio: o grande tema do livro talvez sejam as despedidas, os terminos e o sentimento de solidão que nos invade em momentos assim. Mais curioso ainda foi perceber o timing — não sei se cínico, sádico ou ambos — do Universo ao me colocar novamente em contato com esses temas e materiais logo após terminar uma relação que durou exatamente esse período de quase quatro anos que separam a escrita dos últimos poemas deste livro e o início do processo editorial para esta edição.

Aproveito para registrar aqui meus agradecimentos especiais a dois grandes poetas que tenho a honra de ter como amigos e que contribuíram ativamente para que este livro ganhasse vida e chegasse às mãos de quem o lê, Sérgio Santa Rosa e Alex Zani.

Sérgio, com o belíssimo prefácio dele, me fez enxergar elementos e propostas que, talvez por estar tão mergulhado nelas, não me eram ainda evidentes. Tive que ler algumas vezes o texto dele para ter certeza de que falava deste livro e de mim, tamanha a generosidade de suas palavras para conosco.

Zani, a quem tenho o prazer de chamar “meu editor” — o que me faz parecer um autor chique, renomado e importante. Nossos gostos e referências pessoais, muitas vezes próximas e noutras distantes, quase opostas, me permitiram expandir minha visão ao olhar para aquilo que, de tão próximo, eu mal conseguia ver, realizando pequenos porém importantes ajustes em todo o processo de construção deste livro.

Únicas pessoas com acesso ao texto original desta edição, ao final de suas observações, ambos comentaram que eu deveria pensar em mudar o título original do livro. Depois de muito pensar e trocar, foi numa conversa com a querida Luciana Lago que o atual — e, a meu ver, muito pertinente — título se manifestou. Assim, deixo aqui meu agradecimento mais do que especial a ela, não somente por isso, mas por todas as trocas que tivemos.

Por fim, mas de forma alguma menos importante, agradeço à Ana C. Moura, pelo cuidadoso e delicado trabalho de revisão, no qual demonstrou enorme sensibilidade ao aparar arestas daquilo que eu já considerava pronto; à Lara Valente, companheira de longa data vida afora, por ter me deixado charmoso nas fotos para divulgação do livro; ao Theo e ao Ravi, forças motrizes do meu dia a dia.

Aproveito para agradecer aqui, ainda que não nominalmente, a todas aquelas pessoas que, de forma direta ou indireta, sabendo ou não disso, me ajudaram a construir não somente os poemas aqui reunidos, mas também a minha própria história pessoal no período de criação deles. Espero e torço para que este livro reverbere em você assim como sua criação reverberou, e ainda reverbera, em mim.

Meus sinceros agradecimentos a todas e todos vocês.

Gracias,
Baga Defente



Sobre o autor

Baga Defente é poeta, editor & artista-etc. Formado em Direção e Roteiro pela 1º turma da Academia Internacional de Cinema (AIC-SP), há 10 anos trocou do cinza da cidade pelo verde do campo e desde então vive e trabalha a partir de Botucatu/SP.

Nesse período, teve curtas experimentais e videopoemas exibidos em mais 10 países e, desde 2015, também se dedica às publicações independentes, tendo editado cerca de 15 títulos entre obras suas e de outros autores através do NADA.:Studio Criativo, um híbrido de ateliê de criação multimídia com microeditora independente. É também criador e produtor do Sarau Akan-gatu, realizado desde 2018 em Botucatu e no ambiente online desde 2020.

Foi o primeiro poeta a fazer da parte da Fazia Poesia, portal de poesia contemporânea brasileira criado em 2016, no qual até hoje publica online seus poemas.

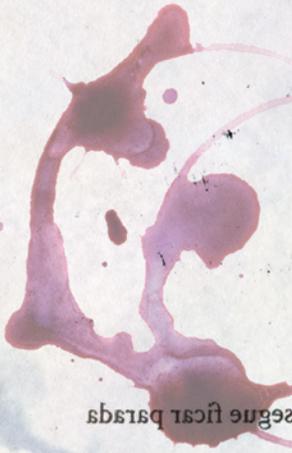
Daltônico e pai de dois, gosta de Baudelaire, mas prefere Belchior.

@bagadefente | nada.art.br | bio.fm/bagadefente

PRA ESTANCAR ESSA SANGRIA

1ª Edição NFT [2021]
100 exemplares

Livro composto em Flama e Crimson Text
no outono de 2021 em Botucatu/SP,
mintado no HEN em outubro de 2021.



en dneria dur voce é tresser m dprnto ds sabsuds up en nnto
& tivesses dur lidas com a ansieqde ativa com a dur vivo

dur ndo um material esta no estado enerqético mais baixo
é impossível haver movimento
por iss a paixão — comets totod explosão

é a matéria do não-é-um equilíbrio

ção consqene ficut paraqs

por iss os passar os dias todos te vendos ali toda online
nóticamente acessível a distância de um tope on chipe
& me seguirar pra não te mandas uma música um als
uma besteira duplret tipo "oi dner tç" só pra dner bado
é aqle dur metece ser commentada

namos nos ter hojes



Ação realizada
com recursos da
Lei Aldir Blanc



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO



ISBN 978-65-990181-4-5



9 786599 018145 >

a matéria escura — 28 — do nosso universo
é aquela que não emite luz & só é detectada
pelo seu efeito gravitacional na matéria comum

"You've got this strange effect on me
& i like it"

os cristais do tempo têm uma estrutura
que se repete tanto no espaço quanto no tempo
são como gelatinas: durando você toca, tremem
só que nesse caso
ela não precisa ser tocada pra ficar tremendo

durando você me toca eu me acalmo
durando a gente se abraça
respiro fundo pra sentir sua luz estendendo
a matéria comum das minhas costas massis
eu me sinto mais forte sinto a quarta força

Handwritten signature in blue ink at the bottom right of the page.